Torres

Paola Berenstein Jacques

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

JACQUES, P. B. Torres. In.: *Fantasmagorias modernas: montagem de uma outra herança* v. 1 [online]. Salvador: EDUFBA, 2020, pp. 273-343. ISBN: 978-65-5630-196-9.

<https://doi.org/10.7476/9786556301969.0006>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Torres

Fig. 7 “Mnemosyne” - inscrição sobre a porta de entrada da Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg (K.B.W.) em Hamburgo anos 1920

Fonte: Warburg Institute Archive, Londres.

Fig. 8 Cartão postal com a fachada da Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg (K.B.W.) em Hamburgo, datado de 1929

Fonte: Warburg Institute Archive, Londres.

Fig. 9 Livreto “A first visit to the Outlook Tower”, publicado em 1906

Fonte: Sir Patrick Geddes Memorial Trust.

Fig. 10 Seção da Outlook Tower disponível no livreto “A first visit to the Outlook Tower”, publicado em 1906

Fonte: Sir Patrick Geddes Memorial Trust.

Fig. 11 Aby Warburg, Mnemosyne Atlas, WIA, III.108.8.2, pl. 2, detalhe (foto)

Fonte: Warburg Institute Archive, Londres.

Montagem: Dilton Lopes

O FOCO PRINCIPAL deste capítulo são duas torres que materializaram a forma de pensar – espaços de pensamento, como diria Warburg (*Denkräume*), ou máquinas pensantes para Geddes (*Thinking Machines*) – de nossos dois fantasmas e mantiveram vivas, bem além da morte de seus criadores, suas principais questões e ideias: os quatro andares da *Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg* (KBW) organizada por Warburg, com diferentes sedes em Hamburgo e Londres, e os seis andares da *Outlook Tower* (OT), organizada por Geddes em Edimburgo e com projetos em várias outras cidades, sendo o último no *Collège des Écossais* em Montpellier.

Tanto a biblioteca warburguiana quanto a torre de observação geddesiana não só materializaram as ideias de seus fundadores como também proporcionaram a seus praticantes, leitores ou visitantes, uma experiência de atravessamentos, sempre em movimento, entre multiplicidades de saberes, de pontos de vista, de conexões e associações que faziam emergir novas compreensões, relações ou nexos escondidos. As duas torres, longe de serem “Torres de marfim”, estavam mais próximas de serem “Torres de Babel”, catalisadoras de ideias e conhecimentos diversos, ao proporcionarem o que

Warburg chamou – e Geddes certamente concordaria –, de “aventura científica”. Ambas funcionavam como verdadeiros laboratórios para o pensamento, para se pensar a partir delas, com ou pelas diferentes questões que provocavam e proporcionavam. O princípio construtivo e conceitual básico dessas duas Torres era o constante atravessamento de distintos campos disciplinares, o que dependia dos percursos ou itinerários, mentais (intelectuais) mas também físicos (corporais), dos seus praticantes, leitores ou visitantes, entre os diferentes problemas expostos por seus criadores, a partir de suas próprias formas de pensar.

A biblioteca se transformava a cada modificação de seu método de pesquisa e a cada variação de seus interesses (...) Ele falava em “lei de boa vizinhança”. O livro que se conhece não é, na maioria dos casos, o livro de que se precisa, mas aquele que se encontra logo ao seu lado na prateleira, que se desconhecia, contém a informação indispensável, mesmo que seu título não possa levar a adivinhá-lo. (Saxl, F. “*L’histoire de la bibliothèque de Warburg (1886-1944)*” (1944) In: Gombrich, E.H. (1970) 2015, p. 301, tradução nossa).

Warburg considerava seu mais importante trabalho sua biblioteca para a ciência da cultura (*Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg*, KBW, letras que figuravam na fachada da sede em Hamburgo). Como sabemos, ele mandou gravar

acima da porta de entrada da KBW a palavra “Mnemosyne” como uma forma de indicar que o leitor entraria em um espaço onde a memória comandava. No Instituto Warburg em Londres, há ainda hoje a mesma palavra gravada acima da porta de entrada interna do prédio. Era em sua sala de leitura oval de Hamburgo, concebida como arena de debates, que Warburg montava e expunha suas apresentações e o próprio *Atlas*. Os livros eram dispostos a partir do que ele chamava de “lei da boa vizinhança”: cada livro convocava outro que se inscrevia, por sua vez, em uma rede bem complexa de associações variáveis. Sua própria pesquisa justificava essa disposição geral, sempre mutável, e era o pesquisador que julgava se um conjunto de livros seriam ou não “bons vizinhos”.

Se a “Memória” – Mnemosyne – está inscrita no portal de entrada do *Warburg Institut* em *Woburn Square*, a “lei da boa vizinhança” define tanto a topografia de suas coleções quanto as práticas acadêmicas que estas solicitam. A lei funcionava primeiro como o princípio organizador da Biblioteca, determinando sua disposição assim como o argumento expansionista de suas coleções. Cada livro, e cada livro recém-adquirido, deve provocar uma conversa com o seu vizinho: faça uma pergunta, forneça uma resposta. O resultado é uma conversa infinita e coerente (Steinberg, 2012, “The law of the good neighbor” In: *Common Knowledge* 18, p. 128, tradução nossa).

A organização dos livros, em seu agenciamento bem sutil, um tipo também de montagem, deveria servir de guia ao leitor que percorria as diferentes estantes e prateleiras. O movimento do próprio leitor se fazia necessário para que os nexos entre os livros de campos distintos pudessem emergir. A KBW foi sem dúvida o desdobramento mais concreto, peregrino e, também, público, de sua forma de pensar, ou de seu espaço de pensamento (*Denkraum*), como ele dizia. Sem dúvida, a biblioteca era – e ainda procura ser até hoje, no Instituto Warburg em Londres –, um espaço de pensamento vivo, a mais evidente herança, ou sobrevivência, warburguiana.

A princípio, essa tinha sido a empreitada de um homem só e de um único universo de questões: é muito estranho – ainda hoje se pode senti-lo nas prateleiras do Instituto Warburg em Londres – usar um instrumento de trabalho que leva a tal ponto a marca dos dedos do seu construtor. Se a biblioteca Warburg resiste tão bem ao tempo, é porque os fantasmas das perguntas formuladas por ele não encontraram conclusão nem repouso (Didi-Huberman, 2013 [2002], p. 36).

A KBW precisou ser transferida em 1933, de Hamburgo para Londres, após a morte de seu fundador, por causa da consolidação do regime nazista. Transformou-se no prestigioso *The Warburg Institute*, que foi associado à Universidade de Londres a partir de 1944¹. Fritz Saxl que, durante anos,

foi responsável pela biblioteca com Gertrud Bing², contou sobre a transferência da KBW para Londres, o que garantiu sua sobrevivência:

A transferência do Instituto Warburg para Londres, em 1933, foi um acontecimento excepcional. Um dia, vê-se chegar pelo Tâmesa um barco carregado de seiscentas caixas de livros, estantes metálicas, separadores, máquinas de encadernar, instrumentos fotográficos, etc. Mais de 900 m² seriam necessários para receber a biblioteca (...) Era uma aventura no mínimo estranha desembarcar com algo como 60.000 livros no coração de Londres (Saxl, F. “L’histoire de la bibliothèque de Warburg (1886-1944)” [1944] *In*: Gombrich, 2015, p. 311).

Pela KBW e pelo novo instituto londrino, passou uma série de historiadores e intelectuais bastante conhecidos, tais como Ernst Cassirer, Gustav Pauli, Erwin Panofsky, Karl Reinhart, Edgar Wind, Ernst Gombrich. Entre vários outros warburguanos que frequentaram a biblioteca mais recentemente, estão Carlo Ginzburg, Giorgio Agamben e Georges Didi-Huberman.

Para os que ainda não estavam habituados ao pensamento warburguiano, a KBW – esse laboratório prático e materializado de suas próprias teorias – parecia um “labirinto”, praticamente impossível de ser apreendido, como aconteceu com o filósofo Ernst Cassirer em sua primeira visita, no

início dos anos 1920. Para ele, a KBW reunia, mais do que uma coleção de livros, uma coleção de problemas, era efetivamente uma biblioteca de questões ou de perguntas, como dizia Fritz Saxl. Salvatore Settis, autor do excelente artigo “Warburg *continuatus*” no *Quaderni Storici* (1985), buscou decifrar a chave da organização mutante – o chamado “princípio da boa vizinhança” da KBW – em suas diferentes sedes (tanto em Hamburgo quanto em Londres). Settis tomou como ponto de partida de seus estudos exatamente os diferentes relatos da experiência de Cassirer ao visitar a KBW, guiado pelo então responsável pela biblioteca, Fritz Saxl, quando Warburg esteve internado. Essa experiência foi tão intensa e avassaladora que, em diferentes ocasiões, foi relatada pelo próprio Cassirer, por sua esposa, Toni Cassirer e, também, por seu guia, Saxl.

Lembro-me de que Ernst, depois de sua primeira visita à biblioteca, voltou para casa num estado de grande excitação (coisa raríssima nele), e me contou que essa biblioteca era algo absolutamente único e grandioso; que o doutor Saxl, que lhe mostrara, lhe parecera um homem realmente maravilhoso e original. Ernst acrescentou, entretanto, que, após a visita guiada através das longas filas de estantes, sentira a necessidade de lhe dizer: **“Nunca voltarei aqui, porque, de outra forma, neste labirinto acabaria me perdendo”**. A descoberta da Biblioteca Warburg foi para Ernst como a descoberta de uma mina, onde

podia achar um tesouro atrás do outro (Cassirer, T. apud Settis, S. “*Warburg Continuatus*”. (1985) In: O poder das bibliotecas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. p. 110, grifo nosso).

Um dia memorável nos anais do Instituto, Cassirer veio visitar a biblioteca que Warburg constituía em mais de trinta anos. Eu o guiei: era um visitante afável que escutava com atenção enquanto eu lhe explicava as intenções de Warburg, o qual fazia questão de pôr os livros de filosofia ao lado dos de astrologia, de magia, de folclore, e de aproximar as seções sobre arte das sobre literatura, religião e filosofia. Para Warburg, o estudo da filosofia era inseparável do estudo da mentalidade dita primitiva: no estudo da linguagem figurada da religião, da literatura e da arte, nem um nem outro podia ficar isolado. Essas ideias tinham encontrado expressão numa disposição pouco ortodoxa dos livros nas estantes. Cassirer o compreendeu imediatamente. Assim, ao se despedir, ele me disse, com sua maneira clara e amável: **“Esta biblioteca é perigosa. Terei de evitá-la completamente ou nela me encerrar durante anos.** Os problemas filosóficos nela implícitos são vizinhos dos meus, mas o material histórico que Warburg reuniu é tal que me esmaga” (Saxl, F. apud Settis, S. (1985), 2000, p. 111, grifo nosso).

(...) **esta biblioteca não é uma simples coleção de livros, e sim uma soma de problemas.** E não foram os domínios abrangidos pela biblioteca que provocaram em mim essa

impressão, mas foi o princípio organizador da biblioteca que me impressionou, princípio muito mais importante que a simples extensão dos domínios abarcados. Aqui, com efeito, a história da arte, a história da religião e do mito, a história da linguística e da cultura estavam não só colocadas uma ao lado da outra, mas ligadas uma à outra, e todas ligadas a um centro ideal: a sobrevivência do antigo, um problema de natureza puramente histórica (Cassirer, E. apud Settis, S. (1985), 2000, p. 112, grifo nosso).

Um dos mais conhecidos livros de Cassirer, *Filosofia das formas simbólicas* (*Philosophie der symbolischen Formen*, v. 1 de 1923 e v. 2 de 1925), deve muito à KBW, o que o filósofo reconheceu no prefácio do segundo volume. O professor da Universidade de Hamburgo também evocou a KBW no elogio fúnebre a seu fundador em 1929:

A imagem desse homem se impôs a mim muito antes que o conhecesse. Eu poderia dizer que fiquei quase esmagado quando, há mais de oito anos, atravessei pela primeira vez as salas cheias de livros da Biblioteca Warburg. Essa cadeia ininterrupta de livros me parecia como que envolvida pelo sopro de um mágico, que pairava sobre ela como em virtude de uma lei prodigiosa. E, quanto mais eu penetrava no sentido oculto dessa biblioteca, tanto mais essa primeira impressão se reforçava, se confirmava. Da sequência de livros emergia, de forma cada vez mais clara,

uma série de imagens, temas e ideias originais, e, por trás de sua complexidade, eu acabava vendo se destacar a figura clara e dominante do homem que construíra essa biblioteca.

Warburg se confundia com sua biblioteca que, por sua vez, se confundia com sua forma de pensar, ou melhor, com o seu espaço de pensamento (*Denkraum*). Acentuam-se aqui, a partir de Settis (2000, p. 127), dois pontos estreitamente ligados: em primeiro lugar, a KBW reflete substancialmente o trabalho de seu fundador – ela foi concebida como um itinerário mental (*itinerarium mentis*) destinado a “conduzir” o leitor ao longo de vias determinadas (as perguntas do próprio Warburg), que não desembocam forçosamente em saídas, elas próprias predeterminadas –; em segundo lugar, o “itinerário” é concebido de tal maneira que a passagem de um setor para outro seja percebida como “natural”. Pode-se acrescentar, à guisa de comentário, que é justamente este “natural” (a correspondência entre o percurso mental – entre os problemas – e o percurso físico – entre os livros) que transforma o “labirinto” em “prisão” (o grande temor de Cassirer). Essa prisão cativa a atenção do leitor, obrigando-o ora a se deter num nó (de problemas, de livros) que ele não esperava de modo algum encontrar, ora a seguir um fio (uma estante) que lhe parecia marginal, mas “pode conter a informação vital para sua pesquisa”. Mesmo hoje, a riqueza e a proposta dessa biblioteca residem no cruzamento das

perguntas que o leitor faz ao entrar nela com as que, sem as ter resolvido, Warburg canalizou num encadeamento de livros fisicamente perceptível para os mais atentos.

A KBW é tanto um espaço de pensamento quanto uma coleção de problemas, sua forma de organização e de classificação heterodoxas que possibilitam vários percursos distintos é um reflexo da própria forma de pensar de seu criador, de suas escolhas epistemológicas mais profundas. A própria existência, sobrevivência e permanência da biblioteca ainda hoje, questiona materialmente – assim como, de forma menos perene, o *Atlas Mnemosyne* também o faz – a pertinência de fronteiras (a “polícia das fronteiras”, como dizia Warburg) entre os diferentes campos disciplinares. Seu princípio básico era o atravessamento constante das fronteiras entre os diferentes campos do conhecimento. A KBW, além de reunir as disciplinas de forma dinâmica, também respeitava o princípio warburguiano da atenção aos detalhes (“o bom Deus se esconde nos detalhes” - *der liebe Gott steckt im Detail*), às pequenas coisas, mesmo as mais insignificantes, o que explica sua profusão de documentos e publicações tão heterogêneos, de campos disciplinares e de origens tão variados.

O critério mais evidente de escolha de Warburg como colecionador de livros parecia ser o mesmo princípio da sua classificação: a “boa vizinhança”, ou seja, a conexão possível entre os livros (e os saberes), a relação entre um determinado livro e os demais. Só não haveria lugar para livros que não

se relacionassem aos demais, seja por uma relação por proximidade, seja, ao contrário, por contraposição. Essas relações e conexões eram sempre mutáveis, dependiam diretamente das pesquisas em curso.

Um motor que ajuda você a pensar; um motor para pensar com, para pensar sobre. Mas, para o que mais, alguém poderia perguntar, são bibliotecas de pesquisa? (...) No caso da Biblioteca de Warburg, a interação, tanto consciente quanto inconsciente, com seu arranjo, sua disposição, é parte fundamental da experiência dos leitores. *Une machine à penser*: não foi por acaso que Fritz Saxl sonhou com Le Corbusier (ou Gropius) como um possível arquiteto para a Biblioteca Warburg, em Hamburgo (Guinzburg, C. “*Une machine à penser*” In: *Common Knowledge* 18, 2002, p. 79, tradução nossa).

O historiador Carlo Ginzburg chamou a KBW de “uma máquina de pensar” (*une machine à penser*, em francês no original), a mesma expressão foi usada por Patrick Geddes para nomear seus estranhos diagramas (*thinking machines*), mas Ginzburg relacionou a *machine à penser* warburguiana com a *machine à habiter* (máquina de morar) corbusiana, em alusão ao que ele chamou de “sonho” de Saxl³. Para evitar essa associação maquinica da arquitetura moderna racionalista, muito ligada a uma visão progressista e linear da história, preferimos usar o termo do próprio Warburg, espaço de

pensamento (*Denkraum*). Para o historiador da arte, o espaço de pensamento era o momento de reflexão sobre as sobrevivências (*Nachleben*), mas também o momento de sua atualização pela memória.

É importante entender esse caráter dinâmico, em movimento, de atravessamento e atualização constantes, da noção de sobrevivência, que também pode ser encontrado na ideia de “boa vizinhança” que é a base da KBW. Há um claro princípio de errância entre os livros, estantes e andares da biblioteca que possibilita aos pesquisadores criar suas próprias conexões entre diferentes saberes, entre as disciplinas voluntariamente imbricadas de forma complexa na KBW, e também permite que eles se percam – como temia Cassirer, com seu medo infundado de se perder entre as fileiras da KBW – para assim se desprenderem de suas convicções e certezas mais arraigadas. Warburg evitava ao máximo simplificar a organização, pois via também um caráter pedagógico nesta errância⁴ dos estudantes e pesquisadores por entre os livros mais díspares. Queria incentivá-los a se tornarem o que ele chamava de “aventureiros científicos” (*wissenschaftlichen abenteurer*).

No início dos anos 20, no *Vorträge der Bibliothek Warburg*, Saxl descreve a biblioteca como um *espaço de questões*: “Trata-se de uma biblioteca de questões, e seu caráter específico consiste justamente em que sua classificação obrigue a entrar nos

problemas”. Warburg considerava que a biblioteca deveria opor algumas resistências a qualquer pesquisa superficial. Era impossível percorrê-la sem se ver preso na rede de questões tecida pelo historiador hamburguês, era impossível permanecer só na superfície dos problemas (Hagelstein, M. “Mémoire et Denkaum” In: *Conserveries mémorielles* 5, 2008, tradução nossa).

Georges Didi-Huberman considera que a função principal da KBW – “espaço rizomático”, *opus magnum*, “biblioteca de trabalho” e “em trabalho” – era precisamente realizar esse permanente “deslocamento epistemológico”, produzir efeitos de atravessamento por percursos distintos, uma forma bem original de organizar a chamada transdisciplinaridade. Didi-Huberman, citando Foucault, relaciona o trabalho da KBW a uma verdadeira “arqueologia dos saberes” e também a uma possível “arqueologia da cultura”.

Sem dúvida a KBW multiplica as possíveis ligações entre distintos saberes e funciona, ainda hoje, como poderosa arma a favor da abertura de todas as fronteiras dos campos disciplinares e, também, de todo tipo de migrações (*Wanderungem*), seja entre os livros, saberes, perguntas, imagens, os próprios leitores. Novamente a exploração do deslocamento, do intervalo, do limiar, do entre – das passagens, das aberturas, dos choques –, se coloca assim como fundamental para Warburg. Como também ocorreu na montagem de seu Atlas, os problemas, as questões e os nexos mais

improváveis poderiam surgir entre as disciplinas, entre as prateleiras, entre os livros, entre os estudiosos, sempre deslocando e levando os saberes para além das fronteiras habitualmente estabelecidas.

Imaginada por Warburg desde 1889 e erguida entre 1900 e 1906, essa biblioteca constituiu uma espécie de *opus magnum* em que seu autor, embora secundado por Fritz Saxl, provavelmente se perdia tanto quanto construía seu “espaço de pensamento”. Nesse espaço rizomático – que, em 1929, abarcava 65 mil volumes –, a história da arte como disciplina acadêmica foi posta à prova de uma desorientação organizada: em todos os pontos em que havia *fronteiras* entre as disciplinas, a biblioteca procurava estabelecer *ligações*. Mas esse espaço ainda era a *working library* de uma “ciência sem nome”: biblioteca *de trabalho*, portanto, mas também biblioteca *em trabalho* (Didi-Huberman, G., 2013 [2002], p. 35).

Na conferência de reabertura (2017) da biblioteca do *Institut National d'Histoire de l'Art* (INHA), em Paris, na belíssima e reformada sala Labrouste (da antiga BNF), Didi-Huberman começou sua fala defendendo princípios claramente warburgianos: “uma biblioteca é bem mais do que a soma de seus próprios livros. É um dispositivo de criação de ideias. É uma máquina de inventar saberes”. E, ao final de sua exposição, explorou – antes de passar a falar em Walter Benjamin,

leitor assíduo da BNF e defensor das aberturas disciplinares ou da “indisciplina benjaminiana” como diz Didi-Huberman –, a biblioteca como princípio de liberdade:

“Mas não há, por definição, máquinas de liberdade”, escrevia Foucault. Uma biblioteca será então uma abertura ou um fechamento de saberes potenciais em função do uso feito por cada um, se consideramos verdade que a liberdade é uma prática e não uma simples qualidade intrínseca, desta ou daquela organização do espaço. A liberdade, em uma biblioteca, consiste, por exemplo, em passar de um livro para outro que não seja diretamente a escolha mais evidente, ou seja, precisamente o que conseguiu antecipar a classificação da biblioteca Warburg. Passar de um livro a outro de maneira eventualmente desorientada, centrífuga, e, mais ainda, fazendo que os livros se encontrem em um mesmo local de trabalho: isso se chama montagem, prática experimental e heurística por excelência destinada a trabalhar com *todos os livros abertos* e a ver o que acontece por tê-los mobilizado juntos – tê-los colocado em movimento, em deslocamento – para que eles se respondam (Didi-Huberman, 2017, tradução nossa).

A novidade do meu método prende-se a que, para explicar a psicologia da criação artística, reúno documentos provenientes do campo da linguagem, bem como das artes plásticas ou do mundo do drama religioso. Para consegui-lo, eu e meus

companheiros de pesquisa precisamos ter diante de nós os documentos, isto é, livros e imagens, dispostos em grandes mesas, a fim de podermos compará-los, e esses livros e imagens devem estar ao alcance da mão, sem dificuldade e instantaneamente. Por isso, necessito de uma verdadeira *arena* com mesas, para ter à mão os livros comuns e o material iconográfico (Warburg apud Michaud, 2013 (1998), p. 233).

Na famosa sala oval da KBW de Hamburgo ficavam dispostas as grandes mesas onde essa experiência de “trabalhar com *todos os livros abertos*”, a prática da montagem (processo constante de montagem-desmontagem-remontagem), era efetivamente possível para pesquisadores, estudantes universitários e bolsistas do Instituto. Nessa sala, onde Warburg compunha e expunha suas montagens, construída em forma elíptica – evocando a busca de uma cosmologia particular – como área de trabalho, mas também como “arena”, aconteciam também os debates, conferências, aulas e apresentações das mais diversas.

Mesmo que essa sede de Hamburgo, inaugurada em 1926, tenha sido a única de cuja construção Warburg tenha, de fato, participado, até mesmo nos menores detalhes do prédio de quatro andares, o princípio warburguiano de provocar uma “aventura científica” sobrevive de certa forma até hoje. Pode-se relacionar o percurso mental de um pensamento, o espaço de pensamento, ao percurso arquitetônico do prédio e ao próprio percurso corporal feito pelos pesquisadores e

leitores, ou seja, o espaço físico e corporal, o que ocorre pela errância através dos livros (e dos saberes) e das estantes da biblioteca organizadas pela “lei da boa vizinhança”⁵.

Durante quarenta anos Warburg comprou livros, mas nunca de maneira imparcial como faz um bibliotecário para leitores anônimos. Ele comprava sempre com a intenção de adquirir novos conhecimentos fundamentais para seu próprio trabalho e seu pensamento era tão coerente que ele pôde deixar para o público, ao final de sua vida, uma biblioteca perfeitamente agenciada onde todas as seções se articulavam de formas distintas. Os livros estavam divididos em 4 andares. No primeiro ficavam os volumes sobre os problemas gerais da expressão e sobre a natureza dos símbolos. Onde se passava da antropologia à religião e da religião à filosofia e à história da ciência. No segundo andar ficavam os livros sobre expressão artística, sobre sua teoria e sua história. O terceiro era dedicado à linguagem e à literatura, e o quarto às formas sociais da vida humana: história, direito, folclore e assim por diante. (...) No trabalho de Warburg, o pesquisador guiava sempre o bibliotecário, e o bibliotecário restituía ao pesquisador o que havia recebido (Saxl, F. “*L’histoire de la bibliothèque de Warburg (1886-1944)*” [1944] In: Gombrich, 2015, p. 307, tradução nossa).

Settis explica em seu artigo as organizações distintas da biblioteca em suas diferentes sedes, que sempre teriam respeitado uma divisão em quatro seções distintas: Imagem,

Palavra, Orientação e Ação. Essa era a ordem ascendente da última disposição nos quatro andares da biblioteca (a partir de 1958), que ainda podemos ver no Instituto Warburg em Londres⁶. Na nota histórica (*Historical note*) do catálogo da biblioteca (*Catalogue*, de 1952) essa terminologia empregada – que consta do emblema da biblioteca e explicita a organização ainda hoje – é explicada da seguinte forma: “A biblioteca devia conduzir à imagem visual (*Bild*), como a primeira etapa da consciência do homem, à linguagem (*Wort*) e, daí, à religião, à ciência e à filosofia, que são todas produtos da pesquisa do homem em busca de orientação (*Orientierung*) – a própria razão da história –, busca que influencia seus modelos de comportamento e suas ações. A ação, o cumprimento dos ritos (*drômera*) é ultrapassada, por sua vez, pela reflexão, que reconduz à formulação linguística e à cristalização dos símbolos-imagens, e o ciclo é completado” (citado por Settis, S., p. 132). Apesar de esses últimos arranjos, feitos por Bing até 1964, a partir das sedes londrinas, terem sido feitos sem a presença de Warburg, acredita-se que essa mesma terminologia já fosse usada por ele na última sede ainda em Hamburgo. Segundo Settis, a grande diferença era que, na antiga KBW, com a disposição feita por Warburg em 1926, os quatro andares da biblioteca seguiam outra ordem, partindo da Orientação, passando por Imagem e Palavra, e terminando com Ação, no último andar.

(...) o ordenamento de Hamburgo, que coloca *Bild* e *Wort* (tomados sob um denominador comum, *Ausdruck*) no interior de um percurso cujos extremos são *Orientierung* e *Drômeron*, parece corresponder mais à preocupação inicial de Warburg de pôr a expressão artística (em particular das imagens) num quadro complexo de relações que ultrapassariam as fronteiras disciplinares habituais. Assim, se *Ausdruck* (*Bild* e *Wort*) vem “após” *Orientierung* na topografia dos problemas, mais forte ainda é a afirmação de que a expressão (através das imagens e das palavras) encontra o seu quadro interpretativo no estudo dos mecanismos da memória social, que se movem entre os polos de *Orientierung* e *Drômenon* (Settis, S. p. 135).

Essa interpretação de Settis (1985) – que tem por base o texto de Saxl (1944) publicado no livro de Gombrich (1970) – foi contestada por Stockhausen (1992) a partir de novos documentos que comprovariam que a organização da última sede em Hamburgo seria: 1. *Bild*; 2. *Orientierung*; 3. *Wort*; e 4. *Drômeron*. Em nota de 1995, Settis respondeu dizendo que deve ter havido então diferentes organizações das quatro seções pelos quatro andares ainda na sede de Hamburgo, como também ocorreu em Londres. Ele passou a identificar, então, ao menos quatro estados da organização das seções da KBW⁷. De fato, há um caráter frequentemente mutante da organização da biblioteca desde sua criação, quando, ainda em sua casa, Warburg mudava seus livros de lugar constantemente.

Ora, o mais fascinante da KBW era precisamente, como foi proposto por Warburg, manter esse espaço em movimento⁸, em constantes atravessamentos: entre os livros e através deles, dos leitores, das seções, das ideias e, sobretudo, dos saberes e dos campos de conhecimento.

Em visita recente à biblioteca do Instituto Warburg em *Woburn Square*, diferentes *Surveys* em forma de livro, como os volumes de Londres (*Survey of London*, 1º volume de 1900), estavam, em sua maioria, no 1º andar, *Image*, nas estantes dedicadas à seção história da arte, que inclui um grupo de publicações de história da arte geral, fontes literárias, interpretação, estética e topografia; e outro de iconografia e sobrevivência da arte antiga, entre a seção arte moderna e a seção arte antiga e arqueologia. Mas os *Surveys* de diferentes cidades também poderiam estar no 3º andar, *Orientation*, em particular, na seção *Magic & Science*, ao lado dos outros tipos de atlas cosmológicos. Há uma série de publicações de tábuas de constelações, das mais variadas, que ficam ao lado de Atlas de todos os tipos: astrológicos, biológicos e de diferentes cartografias, na subseção geografia, exploração e cartografia. Encontra-se também uma série de livros sobre questões urbanas⁹ no 4º andar, *Action*, tanto na parte dedicada a sociedade e cultura – que inclui psicologia, antropologia, folclore, posição da mulher, história da música, teatro, festivais, tecnologia, transporte, comércio, opinião pública, lei, sociologia e teoria política – quanto na dedicada à

história. Como vimos, a classificação atual não é a mesma da época de Warburg: a coleção continuou a crescer – chegou a Londres com 60 mil volumes e hoje tem mais de 300 mil –, mas a KBW mantém, dentro do possível a “lei da boa vizinhança”, mesmo tendo precisado ser adequada ao catálogo geral da Universidade de Londres.

Da mesma forma que podemos considerar a KBW a *opus magnum* de Warburg, a sua maior herança ainda viva em Londres, poderíamos considerar de forma semelhante a *Outlook Tower* (OT, torre panorâmica) – a Torre de observação ou observatório, centro de estudos experimentais e laboratório urbano – que Geddes montou em 1892, no *Short's Observatory*, um antigo observatório em desuso, que já abrigava uma câmera obscura, em Castlehill, na *Edinburgh Old Town*, e que, apesar de inúmeros problemas financeiros¹⁰, funcionou por algum tempo após a morte de Geddes. Um dos últimos responsáveis pela Torre, amigo próximo de Geddes, Edward Mc Gegan, explicou a relação intrínseca entre uma instituição, a OT, e o pensamento geddesiano:

A Torre, em um sentido bastante real, era ao mesmo tempo a maior fonte de inspiração de Geddes e sua mais constante colaboradora. A questão, o que não pode deixar de ser enfatizado firmemente, é que Patrick Geddes – tanto em sua personalidade quanto como pensador ou ainda como homem de ação – não pode ser corretamente compreendido sem uma clara e

abrangente compreensão de como ele pensava que a Torre deveria ser, e do que a Torre constantemente lhe fornecia (Mc Gegan apud Boardman, 1944, p. 192, tradução nossa).

Ao contrário da Biblioteca de Warburg, que sobrevive até hoje, apesar de mudar várias vezes de edificação e até mesmo de cidade e país, a Torre, que abrigou o que seria a *opus magnum* de Geddes, ainda existe hoje materialmente em Edimburgo, mas perdeu completamente seu sentido e seu uso peculiar para o estudo das cidades e das regiões¹¹. De forma análoga à organização em quatro andares da KBW, a *Outlook Tower* (OT) foi montada em seis andares com uma câmera obscura, que funciona até hoje, no último andar. Ao longo dos seis andares, vários *Surveys* ficavam expostos.

Para muitos, a torre de observação geddesiana era uma verdadeira Torre de Babel, seguindo a mesma lógica das montagens tidas como “caóticas”, da mesma forma que Abercrombie definiu a mostra de cidades de 1910 como o “pesadelo de complexidade” e “câmera de tortura para almas simples”. Os seis andares eram assim divididos, de baixo para cima: *World, Europe, Language, Scotland, Edinburgh* e *Prospect – Camera* (Mundo, Europa, Língua, Escócia, Edimburgo e Prospecto – Câmera). Os atravessamentos propostos buscavam uma visão sinóptica da questão urbana e regional, que nada tinha de sintético, pelo contrário, mostrava uma multiplicidade de pontos de vista, de *Outlooks*, ao

mesmo tempo, uma coexistência de diferentes formas de observar e compreender as cidades e suas regiões, com base em diferentes *Surveys*.

Como na KBW de Warburg, a organização na OT de Geddes também não era fixa, segundo relatos variados e, por vezes, contraditórios – o que reforça a ideia de mudanças frequentes, de diferentes montagens –, os *Surveys* ficavam expostos pelas paredes e outros suportes, como ficavam nas mostras geddesianas itinerantes de cidades ou no Atlas da memória warburguiano na KBW. As montagens-desmontagens-remontagens constantes, a partir das necessidades de mostras externas, também eram frequentes, uma vez que o material da OT serviu para mostras de cidades. A organização parecia seguir também algo bem próximo da “lei da boa vizinhança” de Warburg.

Na Torre também foram expostas, até mesmo nos vitrais (alguns expostos hoje no Patrick Geddes Centre) de suas janelas, algumas máquinas pensantes geddesianas (*thinking machines*), grandes esquemas diagramáticos que Geddes criou para guardar e depois expor suas ideias a partir de uma cegueira temporária causada por excesso de uso do microscópio. Em sua missão no México entre 1879 e 1880, ele fora obrigado a ficar em um quarto escuro, onde exercitou seu pensamento abstrato criando esses estranhos diagramas como mapas mentais, como a já citada *Valley Section* e também seu diagrama esquemático *Place, Work, Folk*, que fazia

parte de outro diagrama: *The Notation of life*. Uma boa parte desses diagramas – depois chamados de *thinking machines* – foram inicialmente feitos por Geddes para registrar suas próprias ideias de forma simples e esquemática, enquanto estava com a visão comprometida. Eram palavras em papéis que se dobravam, criando diferentes possibilidades de associações de ideias, uma forma de pensar por dobras, redobras e desdobras.

Uma das mais conhecidas e complexas “máquinas pensantes” geddesianas é *The Notation of life*, também chamada de *The Charting of life* (Notação ou cartografia da vida), dividida em quatro partes (grandes retângulos) – *Acts, Deeds, Facts, Thoughts (dreams)* (atos cotidianos, atos expressivos, fatos [experiências], pensamentos, [sonhos]) –, cada uma subdividida em nove partes diretamente relacionadas. Em *Acts*, em cima e à esquerda, está a tríade geddesiana *Place, Work, Folk*, relacionada a três campos distintos – geografia, economia, antropologia –, que se desdobram em várias correlações (*place-work, place-folk, work-place, work-folk, folk-place, folk-work*). Um eixo – *Chord of simple practical life* – atravessa os retângulos centrais chegando ao centro do papel/diagrama levando à cidadela (*village/town*); em *Deeds*, em cima, à direita, as subdivisões são bem mais complexas e giram em torno das ideias de eto-política (*etho-polity*), sinergia (*sinergy*) e realização (*achievement*), os desdobramentos são bem variados, passando pela morte, tragédia, ritmo, natureza e arquitetura,

história, comédia, amor, sabedoria, arte sacra etc. O eixo que atravessa o diagrama, chegando ao seu centro – *Chord of expression of effective life* –, leva à cidade em ato expressivo (*City in deed*). Na parte inferior do diagrama, temos, à esquerda, *Facts*, que se subdivide em diferentes associações de sentidos, experiências e sentimentos; à direita *Thoughts (dreams)*, subdividida em diferentes associações de emoções, ideias (*ideation*) e imagens (*imagery*), relacionadas a filosofia, poesia, ciência, imaginação etc.

A própria Torre seria como uma versão construída dos diagramas geddesianos, a sua mais concreta “máquina pensante”. A OT seria um exemplo material de sua forma de pensar, como a KBW também foi para Warburg. Para Geddes, o mais importante nos diagramas eram todos os seus possíveis atravessamentos, cruzamentos, dobraduras ou desdobramentos das ideias em um contexto sempre generalista: educacional, artístico, biológico, botânico, histórico, geográfico, antropológico, psicológico etc. No caso da Torre, que funcionava como observatório e laboratório urbanos, eram as mais diferentes formas de observar, apreender e compreender a vida das cidades e de seus habitantes, a partir das mais diferentes e complementares formas de observar e perspectivas, tanto disciplinares quanto de tempos, lugares e escalas.

Charles Zueblin, professor da Universidade de Chicago, publicou um artigo no *American Journal of Sociology*, em março de 1898, após visitar a OT e a descreveu como o “World’s First

Sociological Laboratory”¹². Não podemos esquecer o próprio nome da torre geddesiana, *Outlook* (panorama, perspectiva ou ponto de vista¹³), que remetia aos antigos panoramas de cidades, pinturas murais, em boa parte circulares, onde o visitante entrava para experimentar diferentes paisagens urbanas. A OT também foi sede de outra iniciativa de Geddes, uma editora, a “*Patrick Geddes & Colleagues*” que publicou vários panfletos, livros e uma revista editada a partir das estações (primavera, verão, outono, inverno), a *The Evergreen*¹⁴ – *A Northern Seasonal*. A revista reunia textos científicos, literários, trabalhos artísticos e em particular aquilo que Geddes e seu grupo entendiam como uma herança celta ou escocesa. No primeiro número (*Spring*, 1895), Geddes publicou dois textos “*Life and its Science*” e “*The Scots Renaissance*”¹⁵, mas havia também uma ampla participação de seus amigos estrangeiros, sobretudo dos franceses; no segundo número (*The Book of Autumn*, 1895), por exemplo, temos dois textos publicados em francês, um de Abbé Félix Klein, “*Le Dilettantisme*”, e outro assinado por Élisée Reclus, “*La Cité du Bon Accord*”.

O maior intuito de Geddes na OT, como nos seus diferentes *Surveys*, também expostos em suas mostras, era exercitar e mostrar ao público visitante o que ele chamava de visão sinóptica, que não era uma síntese em um único *outlook* mas sim uma coexistência de várias diferentes formas de ver, uma multiplicidade de *outlooks* de campos distintos: geográfico, histórico, social, antropológico, geológico, botânico,

metereológico etc. A Torre reunia *outlooks* em uma multiplicidade também de escalas, da visão mais de perto, como Geddes tinha ao observar os sinais de vida em seu microscópio, por simples observação direta *in loco* das ruas do centro da cidade a partir dos balcões ou do terraço (mirantes) ou através das lentes da câmera obscura – um quarto escuro como o interior de uma enorme máquina fotográfica, com o mesmo sistema de lentes e espelhos, em que o visitante entra e vê as projeções do exterior ao vivo em uma mesa branca circular, como uma tela redonda horizontal –, até as mais diferentes *Surveys* de diferentes cidades mais distantes do mundo, passando obviamente pelo *Survey* detalhado de Edimburgo e de sua área mais central, onde fica a Torre.

Além do *Surveys* que já apresentavam materiais bem heterogêneos – pinturas, mapas, fotografias, maquetes, etc. – já formando montagens, havia também na Torre os diagramas (“máquinas pensantes”), vitrais temáticos¹⁶, imagens sobrepostas em dioramas, outros tipos de panoramas, perspectivas e diferentes globos terrestres expostos¹⁷. Tratava-se do que Geddes também chamou de uma rica “*Encyclopaedia Graphica*”, que também estava relacionada com seu apoio¹⁸ à fundação da *Old Edinburgh School of Art*, que funcionou entre 1892 e 1900 e esteve diretamente associada à OT e suas experiências gráficas. Uma grande questão para Geddes, que também vimos em Warburg, era de como expressar ideias a partir de montagens de imagens, ou ainda, em Geddes,

a partir de máquinas pensantes, gráficos ou diagramas. Tratava-se de uma verdadeira “exposição de multiplicidades”, como Didi-Huberman se referiu ao Atlas warburgiano:

Warburg tinha sem dúvida compreendido (...) que as multiplicidades, nas quais seu pensamento se arriscava tantas vezes a extraviar-se, constituíam na verdade o objeto mais precioso, o mais insubstituível e central – ainda que centrífugo –, de seu método. O *Atlas Mnemosyne*, com seus bizarros conjuntos ou constelações de imagens, encontra sua razão de ser prática e teórica numa *exposição de multiplicidades* (Didi-Huberman, 2011, p. 259, tradução nossa).

Podemos entender a ideia de multiplicidade, tanto em Warburg quanto em Geddes, da forma como foi trabalhada por Deleuze, que, por sua vez, se baseou em Bergson, que a desenvolveu sobretudo no livro *Les Données immédiates*. Não por acaso Geddes se aproximou de Bergson, sobretudo a partir da Exposição de 1900, quando eles se encontraram pela primeira vez: “A multiplicidade não deve designar uma combinação do múltiplo e do um, mas, ao contrário, uma organização própria ao múltiplo como tal, que de forma alguma precisa de uma unidade para formar um sistema” (Deleuze, 1968, p. 236, tradução nossa). Ao contrário de uma organização de um conjunto tradicional, uma multiplicidade é composta por elementos vagos, incertos, contaminados,

impuros, pois se trata de uma composição sempre errante. Para Bergson, o tempo, ou a duração, era essencialmente uma multiplicidade, ou melhor, multiplicidades (que ele distinguia entre atuais e virtuais). Ainda segundo Deleuze, em seu livro *Le bergsonisme*:

Nos parece que não se deu a necessária importância ao emprego desta palavra ‘multiplicidade’. Ela não faz parte do vocabulário tradicional – sobretudo para designar um *continuum*. Não somente veremos que ela é essencial do ponto de vista da elaboração de um método, mas ela já nos explica problemas que aparecem em *Les Données immédiates* e que serão desenvolvidos depois. A palavra ‘multiplicidade’ não foi usada como um vago substantivo correspondente à noção filosófica bem conhecida do múltiplo em geral. Na verdade, *não se trata para Bergson de opor o Múltiplo ao Um, mas, ao contrário, de distinguir dois tipos de multiplicidade*. (...) O que é muito importante na noção de multiplicidade é a maneira como se distingue de uma teoria do Um e do Múltiplo. A noção de multiplicidade nos evita pensar em termos de “Um e Múltiplo” (Deleuze, 1997 [1966], p. 31, tradução nossa).

Philip Boardman, autor do primeiro livro sobre Geddes após sua morte, publicado em 1944 (em vida só foi publicada a biografia de Defries) – *Patrick Geddes: Maker of the Future* – relatou o que teria sido uma visita da OT guiada pelo próprio

Geddes, que, segundo ele, começava nos arredores da torre, ainda pelas ruas do entorno. Ao entrar na Torre, Geddes – que Boardman chamava de “o professor”, como muitos outros que o conheceram – fazia com que seus visitantes subissem todos os andares correndo pela escada estreita, indo direto para a câmera obscura no último andar. Após mostrar as imagens de toda a cidade e seus arredores no escuro, ao sair para o terraço, Geddes explicava: “Talvez vocês tenham se perguntado por que eu os apressei da rua até aqui? Bem, porque o esforço de subir correndo faz o sangue circular mais rapidamente, e assim limpa o nevoeiro do cérebro para prepará-los fisiologicamente para a emoção mental desses vários *outlooks*”. Depois de passar por várias galerias e fazer longas explicações sobre o que se via, Geddes continuava: “Como alguém pode entender este mundo, para não mencionar melhorá-lo, se não conseguir enxergá-lo com precisão? Nós reeducamos nossos olhos para que possamos, antes de tudo, ter um contato visual mais efetivo com a realidade externa. Agora a Torre pode fazer exatamente isso a partir dos panoramas complementares das galerias e através da câmera obscura”. Passando por mais alguns dos diferentes *outlooks*, Geddes começava a falar das diversas disciplinas envolvidas na montagem da OT:

Olhe aqui agora, não acabamos de saquear os artistas, geólogos, historiadores e botânicos? (...) É preciso pouca imaginação para

perceber que esses *outlooks* elementares da geologia, meteorologia e assim por diante, que mostrei há alguns instantes, são realmente ferramentas que permitem a qualquer pessoa inteligente encontrar seu caminho até qualquer ciência que escolha. Naturalmente, ainda estamos longe dos cofres sagrados, onde estão guardadas as melhores pepitas da casa da ciência. O que temos de tesouros geológicos ou botânicos na Torre pareceria insignificante para os especialistas; no entanto, como veremos em breve, é possível combinar essas ninharias roubadas de todas as ciências para criar coisas de valor extraordinário: ideias e insights e interpretações que são literalmente mais preciosas do que ouro (Geddes apud Boardman, 1944, p. 183).

Neste ponto, nossas cabeças estão ainda se recuperando da rapidez com que viajamos através do tempo e do espaço, da pré-história para o futuro e de Edimburgo para os limites do universo e de lá de volta de novo. Nós protestamos que não podemos lidar com mais nenhum exercício mental, mas o Professor nos leva para um canto da sala. “Venham, venham!” ele insiste. “Aqui está o que você deve ver agora. Aqui está um complemento necessário para todos os *outlooks* do mundo externo”. Atrás de uma porta cortinada descobrimos uma célula minúscula de paredes vazias e sem janelas que não tinha nada além de uma única cadeira. Olhamos sem compreender entre nós e, em seguida, para Geddes (Boardman, 1944, p. 184, tradução nossa).

Além da câmera obscura, do telescópio e de um complexo episcópio¹⁹, havia também na Torre um pequeno espaço de meditação solitária e individual, que Amelia Defries, biógrafa de Geddes, chamou de *weaving of dreams* – tecelagem de sonhos (1928, p. 90). Tratava-se, para Geddes, de um importante local de recolhimento individual – uma “*Inlook Tower, so to speak*” como o próprio Geddes se referiu à célula de meditação – para o visitante poder fazer sua própria montagem mental, após observar tantos *outlooks*. O visitante da OT, após experimentar corporalmente várias situações distintas, ao passar pelos mais diferentes *outlooks* – de distintas disciplinas, de diferentes cidades, de diferentes escalas, da observação direta à visão mais longínqua, que iam do local ao global (a partir dos globos terrestres expostos) – após essa multiplicidade de possibilidades de observar, faria na célula de meditação individual seus próprios atravessamentos, sua própria montagem mental, para assim melhor compreender a complexidade da vida nas e das cidades e de suas regiões.

Como vimos, Geddes buscava apresentar todas as formas de observar conhecidas naquele momento, algumas vezes complementares e outras conflitantes, para compreender o ambiente físico e seus habitantes, a partir tanto de seu passado quanto de seu futuro possível, a partir do que estava visível mas também do invisível a olho nu. Entre um enorme Atlas edificado e uma Enciclopédia visual, a apreensão da cidade e da região se dava na OT por uma exploração

intelectual bastante complexa, completamente experimental, exploratória. Mas também se tratava de uma experiência corporal, física, a partir do próprio percurso pelos seis andares realizado dentro da Torre, de cima para baixo, e de diferentes índices ou indicadores (*index*), a que Geddes chamou de “Index Museum”, segundo Murdo Macdonald:

Geddes fala da torre como um índice de índices (*index of indexes*) ou um “Index Museum” e isso implica o potencial da *Outlook Tower* como um lugar de visão generalista, enxergando além das atividades em si mesmas, as relações entre atividades umas às outras: metafísico, metacognitivo e metassocial (*meta-physical, meta-cognitive, meta-societal*). Esse era, portanto, um museu no sentido mais ativo dessa palavra (no sentido de ser mais consciente das Musas) e um laboratório no sentido mais historicamente e filosoficamente consciente daquela palavra (um lugar de trabalho do próprio pensamento). Geddes cria um ambiente que encorajava a pessoa a se tornar um estranho no mundo do conhecimento, um nômade epistemológico capaz de viajar pelas fronteiras entre as áreas do conhecimento (Macdonald *In*: Welter e Lawson, 2000, p. 63, tradução nossa).

Macdonald insistiu que, a partir do nomadismo epistemológico, essas fronteiras disciplinares se tornavam, assim, áreas de pensamento próprias, entre os diferentes campos disciplinares. Como já explicitamos, tanto Warburg quanto

Geddes atuaram nesse momento da formação moderna das diferentes disciplinas na Europa do final do século XIX, início do XX, para problematizar e buscar a ampliação desses campos, visando a transformar as fronteiras disciplinares no que Walter Benjamin chamava de experiências liminares²⁰.

Christine Boyer em seu livro *The City of Collective Memory* (1994), título bastante geddesiano e também profundamente warburguiano, também considerou que Geddes seria um exemplo de uma visão liminar (*liminal vision*). Boyer se apoiou sobretudo na ideia de liminaridade do antropólogo Victor Turner (*liminality*). No entanto, nos parece que, apesar do interesse incontestável de pensarmos os estudos transdisciplinares como experiências liminares, talvez a maior contribuição tanto da KBW quanto da OT esteja nos vários atravessamentos ou desterritorializações possíveis, dessas zonas liminares que ficam entre, no intervalo entre vários campos disciplinares e culturais distintos. Apesar de Boyer citar tanto Geddes quanto Warburg em seu livro – que tem como foco as formas visuais de conhecimento – ela surpreendentemente não chegou a estabelecer uma relação entre ambos, apesar de ter citado Warburg para explicitar a própria ideia base de seu livro, *Collective Memory*:

Mas as obras de arte, argumentou Aby Warburg, contêm sua própria fonte de energia preservada em suas imagens e símbolos. Essas cargas cheias de tensão explodem em um objeto fora do falso *continuum* da história e, momentaneamente,

permitem ao espectador reconhecer o presente retrospectivamente no passado, à medida que estes se reúnem em novas constelações. A memória coletiva forma-se em tais rupturas e intervalos (Boyer, 1994, p. 200, tradução nossa).

Geddes foi citado por Boyer logo na sequência (no capítulo seguinte), para exemplificar tanto a ideia de diferentes formas de olhar, de observação e de arquivo visual, em particular a partir da ideia do *Survey*, que ela exemplificou como: “Essa viagem ótica, tanto na amplitude quanto na profundidade, seria um novo método de observação direta no campo e fora dos limites das bibliotecas acadêmicas e salas de conferências e aulas” (1994, p. 212). A OT também é citada como exemplo: “esse *Index Museum* permitiu que Geddes propusesse que novas ligações entre suas ideias emergissem constantemente em novas constelações e arranjos”. Boyer chama a OT de laboratório experimental, onde Geddes exerceu toda sua sensibilidade gráfica e visual, como ela explica bem: “Geddes acreditava que o choque (*smashing*) entre ideias e artefatos conflitantes resultaria na produção vital de novos conhecimentos” (p. 213). Boyer também relacionou a forma geddesiana de pensar ao que ela chamou de mente enciclopédica, também calcada em multiplicidades:

A mente enciclopédica era uma visão tão itinerante, uma referência cruzada horizontal que atravessava fatos e detalhes espalhados pela terra toda. Este era um convite para comparar e

combinar, de acordo com o índice fornecido, mantendo a multiplicidade de detalhes e o caos das coisas sem se desintegrar totalmente na desordem (Boyer, 1994, p. 223, tradução nossa).

O projeto da *Outlook Tower* fazia parte de um plano urbano bem maior no centro antigo de Edimburgo, considerado na época um *slum*, uma área com várias edificações em ruínas, inclusive o cortiço da *James Court*, onde o casal Geddes escolheu morar ao se casar. Geddes já havia começado a trabalhar nas melhorias habitacionais – reformas gerais, instalações sanitárias etc. – da região, com a *Edinburgh Social Union*, organização filantrópica local que ele criou a partir da extinção de outro grupo que ele coordenava: *Environment Society*. O que eles faziam não era um plano urbanístico propriamente dito, mas sim uma prática ou ação urbana colaborativa, que Geddes passou a realizar com seus amigos e colaboradores locais, em particular com aquela que se tornou sua esposa, Anna Morton, que já havia realizado trabalhos filantrópicos antes em Liverpool. Ele teve também a ajuda inicial de Octavia Hill, já conhecida reformadora habitacional²¹, apoiada financeiramente por John Ruskin, que havia publicado em 1875 o livro *Homes of the London Poor*.

Para Geddes, a cidade era vista como o local ideal para atividades em comum e para criatividade, que exigia a cooperação dos habitantes não apenas para construí-la, mas também para

mantê-la. O “1890 *Housing of the Working Classes Act*” (ato pela moradia das classes trabalhadoras) permitiu que ele tivesse acesso aos fundos da “*Edinburgh Corporation*” para abrir e restaurar os *slums* (cortiços/ruínas) de Castlehill e de Lawnmarket e trabalhar com um time de artistas e arquitetos tendo em vista a restauração de quintais abertos ou fechados, propostas de novas edificações e a criação de espaços de jardins comuns (Cumming In: Fowle e Thomson, 2004, p.18, tradução nossa).

Geddes e seus amigos, a maioria estudantes, professores e funcionários da Universidade de Edimburgo, aos quais se juntaram vários artistas locais, atuaram nessa área considerada miserável e insalubre da cidade antiga, com resultados surpreendentes. As ações duraram mais de uma década a partir de 1886²². Tudo era feito *in loco*: começaram com ações simples, pintando muros, criando pequenos jardins, plantando árvores e trepadeiras, construindo fontes de água potável e, ao contrário de outros grupos filantrópicos, buscaram criar formas não assistencialistas de participação, uma dinâmica entre habitantes e seu ambiente urbano, uma cooperação efetiva com os moradores para realizar melhorias no bairro.

A formulação da ideia base de todo projeto, de cooperação (*mutual aid*), vinha de textos anarquistas, sobretudo do amigo que visitou Geddes e a região, o geógrafo anarquista russo Piotr Kropotkin, que tinha acabado de publicar

naquele ano (1896) dois trabalhos sobre o tema: “*Mutual Aid Amongst Modern Men*” e “*Mutual Aid Amongst Ourselves*”. Outros amigos também anarquistas, os irmãos Reclus – Elisée, também geógrafo, e Elie, antropólogo – escreveram, nesse mesmo ano (1896), um texto intitulado “*Renouveau d’une Cité*” (renovação de uma cidade), precisamente sobre o trabalho do grupo de Geddes em Edimburgo:

Edimburgo foi abandonada pela corte e por todo o mundo de ricos parasitas. De ruína em ruína High Street se tornou um lugar miserável, um bairro sórdido. (...) O bairro fedia muito, seus becos sem saída, suas ruas estreitas, ainda são porões de infecções. E a miséria só aumentava, sujeiras humanas sobre sujeira de coisas. Apareceu então um homem de coração e inteligência chamado Patrick Geddes, que diz: ‘toda essa podridão, essa infecção, essa miséria nós somos responsáveis. E se há alguma culpa nisso os culpados não são os famintos, mas aqueles que vivem às suas custas’. Geddes não era rico de dinheiro ou brasão, mas era rico de inteligência e boa-vontade. Diga-se de passagem, ele é um pequeno homem vibrante e ágil (Reclus, 1896, p. 6, tradução nossa)²³.

A participação da Universidade de Edimburgo – a relação entre universidade e cidade sempre foi crucial para Geddes – que também ficava na região, era fundamental para a plataforma de ações do grupo. Vários estudantes com poucos

recursos se mudaram para o bairro, e Geddes teve a ideia de criar em um prédio em ruínas uma residência universitária, a *University Hall*, inaugurada em 1887. Depois, outras ações semelhantes ou de expansão foram realizadas, criando inclusive residências para professores, para onde o casal Geddes se mudou. Foram várias iniciativas habitacionais e reformas realizadas pelo grupo na área próxima da *Outlook Tower* (*James Court, Riddle's Court, Ramsay Garden*)²⁴. Os irmãos Reclus comentaram:

Vendo a miséria em que viviam vários jovens estudantes de bela inteligência e nobres aspirações, Geddes não viu outra alternativa senão buscar para eles uma existência menos dura e injusta. Rapidamente ele reuniu estudantes, jovens professores e outros universitários. Decidiu procurar para eles moradias menos odiosas, uma existência menos dolorosa. O lugar talvez mais desprezível de High Street, ele decidiu começar transformando-o na *University Hall*; aí instalando um grupo de estudantes (Reclus, 1895, p. 7, tradução nossa).

A OT também funcionava como o grande símbolo cultural das melhorias realizadas com a participação dos moradores do centro antigo e como local de encontro para discussões sobre o futuro da cidade. Para Geddes, a Torre era, antes de mais nada, um observatório cívico – muito embora Geddes só depois tenha desenvolvido essa ideia de *Civics* –;

um grande arquivo da memória urbana local, da herança social (apesar de sua ideia de *Social Inheritance* também ser posterior); uma experiência prática do exercício a longo prazo do *Survey*. O método da *Conservative Surgery*, usado nas cidades indianas, deve muito a essa experiência em Edimburgo.

Cada cidade precisa de seu levantamento urbano [*Survey*] e de sua Mostra, de seu Estudo Urbano e de seu Laboratório: a *Outlook Tower* como Observatório e Laboratório, juntos. (...) um tipo de instituição necessária em cada cidade, tentando uma correlação entre pensamento e ação, ciência e prática, sociologia e moral, e, tendo como lema: Levantamento urbano [*Civic survey*] para o Serviço urbano [*Civic service*] (Geddes [1915] 1994, p. 131, parênteses da versão original nossos).

Geddes propunha a criação de OTs em vários de seus planos para diferentes cidades: seriam como *Surveys* permanentes, centros de observação das transformações da vida das cidades, mas também e, sobretudo, centro cívicos, educacionais, que deveriam servir à população local, não somente aos urbanistas e especialistas. Para ele, se cada cidade tivesse sua torre de observação, todos os cidadãos poderiam conhecer melhor o passado e o presente de suas cidades e, assim, participar de seus planos futuros de forma efetiva. A proposta era de um *Survey* participativo permanente, que seria realizado de forma contínua, sendo modificado a partir da

observação e registro das transformações do presente, passado e futuro de cada cidade, o que ficaria exposto na OT, num processo contínuo de acumulação da própria memória urbana. Ao mesmo tempo que a Torre local era um espaço onde a memória urbana seria armazenada e exposta continuamente, seria também a ligação daquela cidade com várias outras no mundo, um convite à colaboração, uma rede internacional de torres, uma ligação importante para Geddes entre o local, o regional e o global.

A Outlook Tower pode ser uma metáfora para a cooperação intelectual, ou pode ser um centro criado pelas pessoas de uma cidade ou região para aprender, ensinar e debater, com linhas de informação para todas as outras instituições da área, mas independentes – um centro de troca de ideias e de intenções sobre a comunidade, o lugar e o futuro, para que os representantes eleitos tenham uma ideia mais clara do que eles representam. Uma *Outlook Tower*, pode-se dizer, é outro passo no caminho para melhorar o formato da democracia (Earley, 1991, *In: Places* 7, p. 71, tradução nossa).

Mas, como bem escreveu Jaqueline Tyrwhitt na introdução de sua versão editada, de 1949, de *Cities in evolution*:

Geddes não se mostrava muito preocupado com o treino de especialistas. Sua intenção era que o cidadão comum tivesse

uma visão e compreensão das possibilidades de sua própria cidade. Assim, Geddes insiste muito na necessidade de uma Mostra Urbanística e de um centro permanente de Estudos Urbanos em cada cidade – uma ‘*Outlook Tower*’. Isso é algo que ainda deve ser avaliado por todas as nossas discussões sobre a necessidade e o valor da ‘participação dos cidadãos’ no planejamento urbano (Tyrwhitt, 1949, In: Geddes, 1994, p. 15).

Em sua aula de despedida da Universidade de Dundee em 1919, Geddes disse:

Nós, adultos, de uma forma ou de outra, fomos todos uns esfomeados e raquíticos; na escola, tornaram-nos artificialmente defeituosos, por falta desse senso de observação, estando nossa inteligência embotada diante do trabalho e da alegria da natureza. Toda criança necessita de seu próprio espaço no jardim da escola, e seu próprio banco na oficina; mas deveria também ter a chance de participar de excursões da sua escola, cada vez mais longas. É importante dar a cada uma a visão do artista, que começa com a arte de ver – e depois, a seu tempo, a encaminhá-los para a apreciação da arte e mesmo para sua criação. No mesmo sentido, o intelectual e o estudante podem ser iniciados, como em nossa Torre de Edimburgo (*Outlook Tower*), na visão essencial do astrônomo e do geógrafo, do matemático e do mecânico, do físico e do químico, do geólogo e do mineralista, do botânico e do zoólogo, e depois, do

biólogo. Em seguida, do antropólogo e do economista (Geddes [1919] 1994, p. 267).

A questão educacional, a discussão pedagógica, sempre foi central em todas as iniciativas geddesianas. A OT, além de ter sido um importante centro permanente de estudos urbanos e laboratório cívico, funcionou também durante os anos 1890 como o epicentro²⁵ de uma das iniciativas mais inovadoras de Geddes: seus famosos *Summer Meetings*, que aconteciam a cada mês de agosto no centro antigo de Edimburgo (entre a OT, a *Riddle's Court*, a *University Hall* etc.). O principal lema geddesiano dos *Summer Meetings* – que hoje poderiam ser chamados de *Summer School* ou atividade de extensão universitária, o que na época não era ainda comum – era *Vivendo Discimus*: aprende-se vivendo. Geddes acreditava que o conhecimento da vida só poderia ser efetivamente transmitido pela vivência pessoal, a partir de observações e experiências *in loco*, de primeira mão, e que a educação convencional, como a rotina mecanizada moderna, podava a criatividade potencial dos estudantes. Ele defendia a autoeducação (*self-education*), e a ciência experimental. Como bem escreveu Lewis Mumford em seu prefácio da primeira biografia de Geddes, feita por Amelia Defries:

Geddes não apenas enfatiza a necessidade de um novo tipo de universidade, mas também se esforça em criá-la. Enquanto

a universidade tradicional tenta encontrar as condições da vida moderna introduzindo novos cursos sobre negócios ou engenharia ou qualquer outro, Geddes concebeu um militante universitário que, em vez de seguir passivamente as correntes do mundo exterior, estará acima delas e reagirá sobre elas. O nome dessa nova universidade, ou desse novo complemento para as antigas universidades, é a *Outlook Tower*. A *Outlook Tower* é um edifício real e também uma ideia. (...) A Torre e Patrick Geddes: é quase impossível distingui-los. E, como a Torre incorpora uma nova perspectiva, um novo método, um novo modo de vida, onde quer que esta seja vista e que seu modo seja seguido, algum novo avatar da Torre deverá surgir (Mumford In: Defries, 1928, p. 6, tradução nossa).

A OT seria, assim, um protótipo de uma nova universidade, ou a extensão da antiga, onde a relação entre universidade e cidade, em particular através de ações de extensão, também se tornara fundamental para Geddes. De forma diferente em relação à da interação universitária proposta por Warburg – que buscou levar a Universidade de Hamburgo para dentro de sua própria biblioteca, sobretudo a sala de leitura oval da KBW, concebida como arena de debates, seminários e palestras – Geddes buscava mostrar também que outro conhecimento era possível fora das salas de aula convencionais, sobretudo em trabalhos de campo de observação. Philip Mairet considerou os *Summer Meetings*, organizados

pelo casal Geddes, uma iniciativa pioneira de extensão universitária na Escócia²⁶:

A partir de 1887, ele conduziu uma Escola de Verão (*Summer School*) de arte e ciência, [cuja importância] precisamos ressaltar cada vez mais no momento atual, e assim [Geddes] fez tornar decisiva a iniciativa que lançou o Movimento de Extensão Universitária (*University Extension Movement*) na Escócia. De acordo com um relatório oficial da Universidade St Andrews de 1888: 'Em qualquer relato das medidas tomadas para organizar o Movimento de Extensão Universitária na Escócia, deve-se mencionar o senhor Patrick Geddes, de cujo zelo e energia é inteiramente devida a formação de um grande comitê de professores universitários e outros. Ele defendeu o esquema e trabalhou com paciência desalentada e ardor desinteressado' (Mairet, 1957, p. 58, tradução nossa).

Os *Summer Meetings* aconteceram regularmente entre 1886 e 1899 em Edimburgo, com a participação de centenas de homens e mulheres – com ampla e marcante presença feminina,²⁷ numa época em que as mulheres eram ainda bem raras nas instituições universitárias – vários estudantes, professores e pesquisadores, muitos escoceses, franceses, ingleses, norte-americanos, outros europeus, etc. Se, em 1887, o curso ainda contava com poucos convidados externos e um público mais restrito, em 1893, já contava com mais de 120

inscritos, provenientes de vários países distintos, e com vários palestrantes estrangeiros convidados. As estimulantes trocas internacionais eram encorajadas. Os *Meetings*, que reuniam interessados e convidados de vários campos disciplinares bem distintos, também eram abertos à participação da população local, com várias atividades em colaboração assim como palestras de convidados específicas para esse público, algo próximo das *Universités Populaires*, experiências extensionistas francesas.

Em primeiro lugar, ele escolheu priorizar o local: não ir para um lugar isolado em algum encantador lago escocês, mas se reunir na cidade de Edimburgo, com sua vida mesclada de sordidez e beleza. O *motto* dos Summer Meetings era *Vivendo Discimus – By Living We Learn* – e, portanto, argumentou Geddes, que maneira melhor de aprender alguma coisa nova do que participando da vida real como os habitantes do local a vivem? Em segundo lugar, ele buscava constantemente junto a professores e alunos um mesmo objetivo: reunir os estudos separados da arte, da literatura e das ciências em um todo cultural bem articulado, que deveria servir como exemplo para as universidades, ainda majoritariamente preocupadas em dividir o conhecimento em partículas desconectadas umas das outras e da vida (Boardman, 1944, p.157, tradução nossa).

Para Geddes, era fundamental buscar uma articulação efetiva entre diferentes campos de saber que os departamentos

ou núcleos universitários insistiam em separar e isolar, enquanto os diferentes saberes na cidade, da vida local em geral, ainda permaneciam articulados. Os cursos eram formados pelas habituais palestras e aulas, de temas os mais diversos e, sobretudo, por diversos tipos de trabalhos de campo, de oficinas e ações práticas, extramuros – das explorações arqueológicas, geológicas ou botânicas até a simples jardinagem em espaços públicos, passando por perambulações urbanas, exercícios etnográficos etc. – que tinham como foco principal a observação direta com estudos de caso locais. Tanto estudantes quanto professores ficavam alojados na *University Hall*, esvaziada de seus moradores pelas férias de verão, e as refeições em comum faziam parte do programa do encontro assim como diferentes apresentações e ações artísticas, como recitais, peças de teatro, espetáculos²⁸, exposições etc.

A cada agosto, por doze anos, o *Lawnmarket quarter* de Edimburgo tornou-se o foco para o qual homens de ideias novas convergiam das ilhas britânicas, da Europa continental e da América. Entre eles, em diferentes momentos, estavam homens conhecidos como Emile Yung, botânico suíço; Ernst Haeckel, o excelente naturalista alemão; e Henri de Varigny, biólogo francês. Também da França vieram Paul Desjardins, filósofo; Abbé Félix Klein, famoso educador; Edmond Demolins, continuador de Le Play; Elisée Reclus, renomado geógrafo, e seu irmão Elie, o antropólogo. Da Escócia, Inglaterra e Irlanda

vinha um número semelhante de proeminentes professores, cientistas e homens de letras, enquanto da América contibuíram William James, de Harvard; Charles Zueblin, de Chicago, e vários outros (Boardman, 1944, p. 158, tradução nossa).

Esses diversos atravessamentos entre campos disciplinares distintos, a partir de professores e estudantes com formações tão diferentes, eram fundamentais para Geddes, assim como as vivências e experiências em comum e as trocas com os participantes locais e habitantes. Havia uma certa informalidade pouco usual e métodos pedagógicos de vanguarda eram testados. Boardman relatou, do café da manhã em comum até a noite festiva, com direito a música – com a participação ativa de Anna Geddes – danças e ainda um passeio em noite de lua cheia guiado por Patrick Geddes, o que foi um dia do nono *Summer Meeting* de agosto de 1895, que durou 4 semanas. Logo na primeira palestra pela manhã o anfitrião Geddes dissera:

A educação não é meramente feita de e por uma questão de pensamento; ela está ainda em nível superior, feita de e por uma questão de ação. Assim como o homem da ciência deve pensar e experimentar alternadamente, da mesma forma que o artista, autor e pesquisador alternam criação ou estudo com participação na vida ao seu redor. Pois é apenas pensando as coisas como as vivenciamos, e vivendo as coisas como pensamos nelas, que se pode realmente dizer que um homem

ou uma sociedade pensa ou até mesmo vive. Neste ponto, o mais alto princípio de nosso *Summer Meeting* surge: a ideia de procurar adequar o aluno a algumas das atividades mais elevadas da vida, permitindo que ele realmente as compartilhe. Ele é convidado a tornar-se não um mero auditor passivo, um receptáculo para tais petiscos de conhecimento que possam ser jogados nele, mas um colaborador ativo em tudo o que estamos realizando aqui. (...) Quanto ao resto, sustentamos, se posso repetir, que o pensamento não existe por si e para si mesmo, como é ainda a visão da velha ordem da educação. Ele surge da vida e se amplia na proporção de sua amplitude de ação, de observação e de relações sociais. Em uma palavra, aprendemos vivendo! (Geddes, apud Boardman, 1944, p. 160, tradução nossa).

Boardman narrou as várias possibilidades temáticas de palestras e aulas desse único dia do encontro de 1895 – *Civics*, arquitetura, filosofia, história, geografia, linguística, literatura francesa, antropologia, biologia, sociologia, condições contemporâneas – todos oferecidos por importantes pesquisadores: Capper (Toronto), Wenley (Michigan), Sharp (Londres), Branford (Londres), Elisée Reclus (Paris), Herbertson (Dundee), Klein (Paris), Elie Reclus (Paris), Thomson (Londres), Demolins (Paris), Hamon (Bönn). Além das aulas e palestras, os estudantes podiam seguir diferentes oficinas e trabalhos de campo com expedições das mais variadas.

Em 1900, durante a Exposição Internacional em Paris, Geddes realizou com a IAASAE (*International Association for the Advancement of Science, Arts and Education*) seu maior *Summer Meeting*, com números impressionantes: 100 palestrantes, 300 palestras, 800 debates, 450 visitas de campo em 4 meses e 4 línguas, o *International Summer School*, também chamado de *International Assembly* e, em Paris, de *École Internationale*. Nessa ocasião, Geddes conheceu vários intelectuais e cientistas franceses, entre os quais, dois foram determinantes para seus trabalhos posteriores: o sociólogo Émile Durkheim e, como já comentamos, o filósofo Henri Bergson. Outros *Meetings* também foram realizados em Glasgow durante a Exibição Internacional, de 1901; em Oxford (*Ruskin College*) e Londres (*King's College*) em 1915; durante a *Exposition de la Cité Reconstituée* de Paris, em 1916, onde ele fazia *walking lectures* (palestras andantes) diárias; em Bombaim, durante sua estada como professor de sociologia e *Civics* (entre 1920 e 1923) e, em seu retorno à Europa, quando ele fundou o *Collège des Écossais*, em Montpellier (França), onde viveu até sua morte (1932).

Geddes se considerava, como escreveu Mumford, um militante universitário (*university militant*). Chegou efetivamente a realizar propostas de criação de universidades a partir de seus princípios educacionais, experimentados nos *Summer Meetings*. As mais detalhadas – que vão dos programas pedagógicos dos diferentes cursos, sempre transdisciplinares e suas articulações ao plano urbano e projetos arquitetônicos

das unidades universitárias, além, é claro, da localização da sua OT – parecem ser as duas propostas em que ele busca criar atravessamentos, para além daqueles entre campos disciplinares, entre as culturas ocidentais e orientais: o plano para a *Hebrew University Jerusalem*, projeto realizado em colaboração com o arquiteto Frank Mears²⁹, e a proposta da *University of Central India*, que faz parte do *Indore Report*, de 1918 (v. 2), no qual ele deixava claro que, para ele, o projeto – físico e pedagógico – de uma Universidade, com sua OT específica, não poderia estar fora de um plano urbanístico (“cannot be omitted from any town-planning forecast”). A OT explicitava também essa coimplicação entre universidade e cidade (e movimentos sociais), fundamental na produção de conhecimento e troca de saberes voltada para uma autoeducação (*self education*), como sublinhava Geddes.

Tanto a OT quanto a KBW eram Torres-laboratórios de conhecimento, mas podemos notar uma diferença bem clara no tipo de experiência de produção de conhecimento mais valorizada por seus fundadores, experiências que, como sabemos, são complementares: enquanto Warburg era um colecionador de livros, que prezava muito o conhecimento transmitido em publicações, Geddes sempre priorizava o conhecimento a partir do que ele chamava de observação de primeira mão (*first hand*), a partir de uma experiência direta, vivida, mesmo que, por vezes, mediada por instrumentos de observação ou de análise. Essa diferença poderia

ser exemplificada, a partir de uma diferenciação feita por Benjamin, por duas formas distintas de experiência: *Erlebnis*, a vivência, o acontecimento, uma experiência sensível, momentânea, efêmera, um tipo de experiência vivida, isolada, individual; e *Erfahrung*, a experiência maturada, sedimentada, assimilada, que seria um outro tipo de experiência, uma experiência transmitida, partilhada, coletiva. Apesar de Geddes ter se preocupado mais com a vivência há também, sobretudo em suas mostras, uma clara preocupação com as formas possíveis de narração dessas experiências vividas, o que já seria uma experiência transmitida, como o próprio *Survey* geddesiano e suas mostras.

A questão fundamental para ambos, Geddes e Warburg, parecia estar em como não fixar o conhecimento em narrativas prontas, já dadas, mas sim, criá-lo, construí-lo, a partir de multiplicidades – livros, campos disciplinares, pontos de vista, vivências, postos lado a lado –, e assim manter aberta a possibilidade de o praticante, leitor da Biblioteca ou visitante da Torre, fazer sua própria montagem, numa autoconstrução singular e diferenciada de conhecimento, sua própria compreensão a partir de tudo que estava predisposto, enquanto possibilidades ou virtualidades, por eles.

Além das duas disposições criadas por Warburg e Geddes – entre os livros na KBW e entre os pontos de vista distintos na OT – que se colocavam como um convite à autoconstrução intelectual pelos praticantes ou visitantes dos dois laboratórios de conhecimento, outra questão importante

que se repete nos dois casos é a valorização da própria experiência física a partir dos diferentes percursos ou itinerários realizados nas duas Torres. Como vimos, na KBW a errância entre as estantes de livros era uma condição para provocar a emergência de novas conexões ou nexos entre os diferentes saberes dispostos nas estantes da biblioteca, o atravessamento pelo movimento corporal era necessário para promover o atravessamento entre a multiplicidade de campos disciplinares. Na OT, acontecia o mesmo: os sentidos corporais também eram ativados a partir da multiplicidade de *outlooks*, mas também pelos diferentes percursos na Torre, como ficou explicitado pela proposta de subida rápida dos seis andares pela estreita escada, para ativar a circulação do sangue no corpo dos visitantes.

Nota-se uma coimplicação clara entre o percurso mental, intelectual, a partir das provocações pelas disposições de multiplicidades – dos problemas colocados e dispostos nas duas Torres – e o próprio percurso físico, corporal, entre os diferentes livros na KBW e entre os mais distintos pontos de vista na OT. O movimento corporal, físico, era assim fundamental, a partir de percursos e multiplicidades, nos dois casos para potencializar os movimentos já propostos – sobretudo entre disciplinas, tempos, espaços e escalas – pelas disposições inusitadas de seus criadores.

Tanto Geddes quanto Warburg se confundiram com suas *Opus Magnum*: Geddes com a OT e Warburg com a KBW. As Torres eram as melhores materializações ou desdobramentos

concretos das próprias formas de pensar de seus fundadores – confundindo-se também tanto com os *Denkräume* warburgianos quanto com as *thinking machines* geddesianas. Além disso, essas construções concretas, arquitetônicas, também funcionaram como excelentes catalisadores para outras construções mais abstratas, intelectuais, a partir de suas disposições de multiplicidades, tanto de ideias, quanto de perguntas e de propostas.

A condução realizada por ambos era muito mais uma forma de abertura metodológica e generalista do que uma proposta doutrinária ou especialista. Nos dois casos havia também um atravessamento constante das fronteiras entre os diferentes campos, atravessamento esse que, para provocar aquilo que Warburg chamou de “aventura científica”, relacionava o percurso mental de um pensamento, o próprio espaço do pensamento ou sua máquina pensante, ao percurso arquitetônico da Torre e ao próprio percurso corporal de seus visitantes, ou seja, o espaço físico e corporal, através das errâncias entre diferentes livros, saberes ou pontos de vista distintos.

Longe do isolamento das ditas “Torres de marfim” particulares de alguns estudiosos ou artistas, há uma incontável generosidade na disponibilidade pública dessas duas coleções, a princípio privadas, como contribuições para a autoeducação de seus usuários ou visitantes, mas, também, como estímulo para a cooperação entre pesquisadores, como

extensão das universidades locais e como motor da relação colaborativa com os habitantes de suas cidades sede.

Para fechar este último capítulo dedicado aos dois fantasmas modernos – que buscamos seguir, de maneira não linear ou cronológica, para evidenciar que suas formas de pensar, mesmo que fantasmática ou residual, ainda permanecem presentes ou vivas – recorreremos a seus discípulos mais conhecidos, que, apesar de terem claramente simplificado em suas interpretações os trabalhos de seus mestres, tentaram, cada qual a seu modo, prolongá-los ao difundi-los. Gombrich, por exemplo, terminou sua bibliografia intelectual de Warburg dizendo:

A verdadeira medida de seu gênio nos é dada pela criação de sua biblioteca, que continua funcionando, mesmo se as ideias de seus usuários não sejam mais aquelas de seu fundador. (...) Em cada seção da biblioteca reflete-se ainda a convicção original de Warburg (...) ultrapassar os limites convencionais que circunscrevem os campos de estudos universitários (...) A instituição de Warburg não teria podido conservar seu poder de atração, se não tivesse encontrado discípulos e sucessores que adaptaram suas ideias às necessidades de gerações sucessivas de pesquisadores universitários (2015 [1970], p. 298, tradução nossa).

E Mumford, escreveu em seu livro “A condição de homem” (1958 [1944], p. 440):

Vista em seus efeitos imediatos, a vida de Patrick Geddes foi uma série de fracassos, e os seus atos finais – a construção de seu Colégio dos Escoceses em Montpellier e fundação de um Truste Internacional para mantê-los – constituíram os maiores de todos esses fracassos. (...) Hoje, porém, o espírito revoltado de Patrick Geddes está mais vivo do que nunca esteve: ele é a um tempo o precursor e o iniciador, o formulador e a encarnação de um modo de vida que terá mais uma vez que ser orientado no sentido dos supremos objetivos da existência. (...) por seu exemplo e prática, torna-se mais claro para o homem moderno o caminho da renovação e do novo desenvolvimento. Ele teria sido o primeiro a não reconhecer tal missão como sendo competência de um só homem; e eu seria o último a reclamá-la para ele como lhe cabendo por direito exclusivo.

Notas

- ¹ A KBW teve cinco sedes de 1909 até hoje (sendo que, em Londres, a biblioteca é conhecida hoje como a *The Warburg Institute Library*): duas sedes em Hamburgo – na própria casa de Warburg até 1926 e, depois, a nova sede ao lado da casa até 1933, ano em que, em 12 de dezembro, a biblioteca com todos seus livros embarcaram para Londres, no cargueiro *Hernia*; três sedes em Londres – na *Thames House* de 1934 até 1937; no *Imperial Institute Buildings* de 1937 até 1939 – durante a guerra, os livros foram reencaixotados e

conservados em diferentes lugares. Em 1944, o Instituto Warburg foi incorporado à Universidade de Londres e, por fim, a biblioteca foi instalada no prédio da *Woburn Square*, onde permanece até hoje, desde 1958. Hoje o *The Warburg Institute* se consolidou como uma *School of Advanced Studies* da *University of London*, mas em nossa última visita soubemos que o Instituto lutava para permanecer no prédio – em pleno Bloomsbury, área em processo de “gentrificação universitária” (como nos disse o professor Sarat Maharaj, habitante da região há muitos anos, frequentador e defensor da biblioteca) –, que tem sido cogitado para abrigar outros centro de estudos mais rentáveis (sempre segundo Maharaj) da Universidade de Londres. Clare Lappin, bibliotecária da KBW, confirmou que outros planos foram efetivamente cogitados recentemente para o prédio, até mesmo um retorno para o prédio original de Hamburgo, mas que está garantido que o Instituto (que abriga a KBW e os arquivos de Warburg) deverá ainda permanecer no prédio da *Woburn Square*, construído para ser a sede definitiva da KBW.

- ² Saxl e Bing foram os responsáveis por “normalizar” a organização sempre mutável dos livros feita por Warburg: “para fazer da biblioteca uma instituição estável, era preciso ‘normalizar’ a organização de Warburg, tal como ela se apresentava em 1920, alargando-a ou fazendo cortes aqui e ali. (...) Foi necessário imaginar um novo sistema de classificação, para guiar o estudante entre os livros e as ideias que não lhe eram familiares. Pareceu-nos perigoso proceder de maneira muito rígida, e, em colaboração com a nova assistente, G. Bing, escolhemos uma forma flexível, mas (...)”

que mantivesse a ideia de Warburg: os livros eram um conjunto de pensamento vivo” (Saxl, F. apud Settis, S. p. 124).

- ³ Essa informação de uma suposta preferência de Saxl por arquitetos modernos foi contestada em 1992 por Stockhausen, que estudou a construção da KBW. Os arquitetos do prédio de Hamburgo foram Ascher e Schumacher, com a participação de Langmaack. O prédio foi restaurado recentemente, mas a biblioteca continua em Londres, na *Woburn Square*, sua sede desde 1958. Ver o estudo de Stockhausen, T. *Die Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg. Architektur, Einrichtung und Organisation*. Hamburgo, 1992.
- ⁴ Tratamos da questão da errância, não aquela pedagógica entre diferentes livros e saberes, mas aquela pelas ruas das cidades narradas pela literatura, como uma história paralela do urbanismo, que também não deixa de ser pedagógica, sobretudo na formação de urbanistas, no livro *Elogio aos errantes* (2012).
- ⁵ Tanto os bibliotecários que trabalham na biblioteca quanto os responsáveis pela coleção de imagens (*Photographic collection*) continuam seguindo e defendendo esse princípio de organização até hoje, apesar da insistência de uma padronização geral pela rede de bibliotecas da Universidade de Londres.
- ⁶ Hoje no alto do esquema de classificação (*Classification Scheme*), disposto em um círculo nas paredes da biblioteca do prédio do Instituto Warburg, pode-se ler Ação, História Política e Cultural (*Action. Political & Cultural History*); à esquerda, Imagem. Da Arte Pré-Clássica à Arte Moderna (*Image. Pre-Classical to Modern Art*;

à direita, Orientação. Religião – Ciência – Filosofia (*Orientation. Religion – Science – Philosophy*); e, na parte de baixo do círculo, Palavra. Linguagem e Literatura – transmissão da literatura clássica (*Word. Language & Literature – Transmission of Classical Literature*).

- ⁷ Ele identifica 4 estados: 1º Hamburgo, c. 1927 1. *Bild*, 2. *Orientierung*, 3. *Wort*, 4. *Drômeron*; 2º Hamburgo, c. 1932 1. *Orientierung*, 2. *Bild*, 3. *Wort*, 4. *Drômeron*; 3º Londres, 1934 1. *Orientierung*, 2. *Wort*, 3. *Bild*, 4. *Drômeron* e 4º Londres, 1958 1. *Bild*, 2. *Wort*, 3. *Orientierung*, 4. *Drômeron*.
- ⁸ Tratamos da questão do espaço-movimento com relação ao movimento constante das favelas cariocas no livro *Estética da ginga* (2001), essa ideia parte da tese de Bergson, atualizada por Deleuze, de que o movimento não se confunde com o espaço percorrido, sendo o espaço percorrido o passado e o movimento presente o ato de percorrê-lo: “O espaço-movimento é diretamente ligado a seus atores (sujeitos da ação) que são tanto aqueles que percorrem esses espaços quanto aqueles que os constroem e os transformam continuamente (...) A própria ideia do espaço-movimento impõe a noção de ação, ou melhor, de participação” (p. 149).
- ⁹ Clare Lappin, bibliotecária do Instituto Warburg, nos mostrou duas fichas – *Town & City* e *Town Planning* – que reúne a maioria das publicações sobre questões urbanas que estão distribuídas nas mais diferentes estantes e andares da biblioteca londrina. Em junho de 2016, o *Warburg Cities Tour* da biblioteca, consagrado às cidades, foi das palavras-chave *Town Planning* à Utopias, passando por *Cosmology*

e *Trade*, com publicações distribuídas nos 4 andares: *Image* (1º), *Word* (2º), *Orientation* (3º) e *Action* (4º).

- ¹⁰ Em 1905 foi criado, pelos amigos e colegas de Geddes, um comitê para, entre outras atribuições, ajudar financeiramente a OT: *The Outlook Tower Committee*.
- ¹¹ A Universidade de Edimburgo chegou a comprar a Torre para tentar montar os arquivos de Geddes mas essa iniciativa não durou muito tempo e a Torre foi vendida novamente. Hoje a Torre é considerada uma “atração turística” (*World of Illusions*), uma exposição de ilusões óticas, espelhos, hologramas, etc. Não há mais qualquer discussão sobre as questões urbanas na exposição permanente dos aparelhos óticos. Apesar da antiga OT também ter tido relação com a questão ótica, das diferentes formas de ver, só encontramos uma tímida referência à Geddes no último andar do prédio, na entrada da Câmera Obscura, ainda em funcionamento (com apresentação de seu sistema óptico para turistas a cada 15 minutos).
- ¹² O reitor da *Clark University*, Stanley Hall, descreveu sua visita à OT, em 1906, da seguinte forma: “It is a magnificent new idea into which a vast amount of careful intellectual work has been invested. It is so unique and original that the conventional mind would hardly be likely to appreciate it, but every intelligent man and woman deeply interested in science and education will see in the Tower a new departure full of untold possibilities” (Hall, apud Boardman, 1944, p. 169).

- ¹³ Tendo em vista que o termo *Outlook* é polissêmico e de difícil tradução, geralmente traduzido por panorama ou perspectiva, manteremos o termo no original como já fizemos com *Survey*. Uma boa explicação sobre a complexidade do termo e seu sentido para Geddes foi dada por Pierre Chabart no texto “*The Outlook Tower as an anamorphosis of the world: Patrick Geddes and the theme of vision*” (*Journal of generalism & Civics*, 2006): “The word “outlook” employed by Geddes to re-name the Tower deserves attention, for its multifarious meanings reflect the numerous concurrent and sometimes contradictory strands contained in his project. But above all, it provides literal evidence of the fundamental importance of vision in the organization and orchestration of the Tower. With his training in the Natural Sciences – biology and botany –, Geddes considered first-hand observation of phenomena to be the basis of knowledge; being at the interface between seeing and learning, between thought and experience, observation was to him at once a tool and a method, a means and an end. Geddes therefore considered the eye to be an organ of fundamental importance to intelligence, for it provided the means to decipher and understand the world. Having nearly gone blind when on a study tour of Mexico in 1879, Geddes always nurtured a predilection for the visual: painting, photography, optical instruments, diagrams and other forms of graphic representation. (...) This overall aim, as set out by essentially visual means at the Outlook Tower, could be read almost literally as the very definition of outlook: “a place for looking out from; a view or prospect; a prospect for the future; a

mental point of view; a vigilant watch". The Outlook Tower should be seen in terms of a scientific experiment to which visitors were subjected by Geddes, in order to awaken and heighten their visual faculties" (p. 4).

- ¹⁴ Como explicou Geddes na nota introdutória da revista, tratava-se de uma retomada de uma antiga publicação local, buscando reivindicar uma herança (celta, escocesa) que ele ainda considerava viva naquele local, no centro antigo de Edimburgo (o autor morou exatamente onde Geddes estava, no *Ramsay Garden*, ao lado da OT): "In 1724 Allan Ramsay published his 'Evergreen' desiring thereby to stimulate the return to local and national tradition and living nature. We who inherit Ramsay's old home and would also follow in his steps as workers and writers, publishers and builders, are seeking to gather such traditions as still linger around us, to set down such or song as may be in ourselves – hopeful as least of suggesting better things who will follow us here" (Prefatory note, 1895).
- ¹⁵ O que Geddes chama de renascimento cultural tem relação direta com sua intervenção na cidade como podemos ler nesse artigo: "The current resuscitation of Old Edinburgh, more unnoticed just because more organic, in hence a still deeper sign. Now the old courts and closes from Holyrood to Castlehill [onde ficava a OT] are slowly but steadily changing, and amid what was and is the most dense and dire confusion of material and human wreck and misery in Europe, we have every here and there some spark of art, some strenuous beginning of civic sanitation, some group of

healthy homes of workmen and student, of rich and poor, some slight but daily strengthening reunion of Democracy and Culture; and this in no parliamentary and abstract sense, but in civic and concrete one”(Geddes, 1895, p. 135).

- ¹⁶ Boardman citou uma fala interessante de Geddes se referindo a um dos vitrais da OT (*Lapis Philosophorum* ou “Philosophers stone”): “‘Here is another example’, he explains, ‘of how we may free ourselves from the limitations of the printed word, how we may escape from our bookish prisons. By these symbols we can represent ideas, and by the juxtaposition of the former on paper (or as in this case on a window), we can show not only the most obvious relations between the latter but actually discover new ones’” (Geddes apud Boardman, 1944, p. 189).
- ¹⁷ Os globos terrestres expostos, assim como um globo celeste, foram feitos por um dos colaboradores da OT, Paul Reclus, sobrinho do geógrafo anarquista francês Élisée Reclus, amigo e colaborador de Geddes.
- ¹⁸ Além dos vários textos sobre arte e uma série de trabalhos artísticos e gráficos publicados nos quatro números da revista “*The Evergreen*” editada por Geddes com William Sharp entre 1895 e 1896, em 1888 Geddes publicou um interessante panfleto, na ocasião da *Glasgow Exhibition: Everyman his own Art Critic* (Edimburgo, ed. William Brown).
- ¹⁹ Também construído por Paul Reclus, o episcopio era um instrumento para ver o globo terrestre a partir do ponto de vista local

o que obviamente causava um mapa bastante distorcido, era um tipo de globo côncavo que buscava fazer coincidir projeções cartográficas e em perspectiva. As projeções eram feitas na superfície do globo, e o ponto central era Edimburgo, o ponto exato da OT. O instrumento funcionava como uma possibilidade de observação do mundo a partir da posição local do observador. Um tipo de anamorfose, como explica Chabard (2006), que comparou o episcopio com a própria Torre para justificar seu argumento de que a Torre fornecia uma visão anamorfa do mundo: "It is interesting to note that the Episcopo shared the same peculiarity as the Outlook Tower itself, in that the panoramic and encyclopaedic vision given was biased towards the local, for the information displayed was increasingly detailed the closer it was to the view-point. Indeed, one might forward the hypothesis that, in essence, the Geddes project consisted in an obsessive desire to construct artificially the exact point where the world became legible, i.e. visible, in every one of its material and immaterial components. The construction of that point offered visitors to the Outlook Tower a visual and optical resolution to an anamorphic universe. The Outlook Tower therefore functioned in much the same way as those cylindrical or conical mirrors which redress and reveal, in catoptric anamorphosis, the deformed, chaotic image deployed around them. The Outlook Tower purported to reflect the world and make it intelligible, like a Speculum Mundi. Yet this intelligibility was valid only within the highly precise conception Geddes himself made of it. It was not the world that was made legible to visitors at the Outlook

Tower but a cosmographic construction of Geddes's own making. Perhaps it was an intellectual portrait of that complex, elusive and sometimes shadowy figure that could be discerned in the great mirror at the Outlook Tower - an anamorphosis of Geddes's thinking".

- ²⁰ Como explicou Walter Benjamin: "Tornamo-nos muito pobres em experiências liminares. O adormecer talvez seja a única delas que nos restou. (E com isso o despertar) (...) O limiar (Schwelle) deve ser rigorosamente diferenciado da fronteira (Grenze). O limiar é uma zona. Mudança, transição, fluxo estão contidos na palavra *schwollen* (inchar, entumescer), e a etimologia não deve negligenciar esses significados" (2009 [anos 1930], p. 535).
- ²¹ O que Hill fazia como reformadora social era próximo do que hoje pode ser chamado de assistência técnica de interesse social, misturado com um pouco de filantropia (Meller, p. 72). Geddes se desentende logo com Hill, por não suportar a forma de trabalho dela, baseada na filantropia e no assistencialismo e não na cooperação e participação efetiva dos habitantes.
- ²² Geddes também era responsável pelo convencimento de investidores, visando a angariar fundos dos mais diversos para realizar essas obras. Mairet (1957) reproduz uma de suas palestras para buscar recursos: "Invest your Money in your own town, among the people who made it for you, and in permanent realities. Not in foreign loan or more corn and castle, nor in more smoke and nuisance, more percussion and more corrosion, nor in more factories and

more slums full of factory workers; but invest it in noble buildings, in giving the higher industries their long-delayed turn. Invest your money in the development of higher individuals, in work and goods that are beneficial to their health and make for civilized life”(Geddes apud Mairret, p. 56).

- ²³ Um texto anterior de Étienne Reclus já se referia a Edimburgo e ao trabalho da *Edinburgh Social Union* coordenado por Geddes. Seu título “*The evolution of cities*” de certa forma anuncia o livro mais conhecido de Geddes (*Cidades em evolução*, de 1915): “We are told that in Edinburgh, the lovely Scottish capital, pious hands are at work, breaking in upon its picturesque but unclean wynds, and transforming them gradually, house by house – leaving every inhabitant at home as before, but in a cleaner and more beautiful home, where the air and light come through; grouping friends and friends, and giving them places of reunion for social intercourse and the enjoyment of art. Little by little a whole street, retaining its original character, only without the dirt and the smells, comes out fresh and crisp, like the flower springing clean beneath the foot without a single sod being stirred around the mother plant” (Reclus, *The Contemporary Review* 1895, p. 67).

- ²⁴ Como Geddes passou a se envolver para realizar essas iniciativas, apesar de contar com apoios os mais diversos, seus amigos, para evitar sua falência completa, se reuniram e criaram, em 1896, uma associação para administrar todas as diferentes obras em curso no centro antigo da cidade: a *Town and Grown Association*.

- ²⁵ Como explica Boardman sobre a OT: “It was the keystone of his work in Edinburgh, the nerve-center that would activate and link into an effective whole the hostels of the University Hall, the Summer Meeting classes, and the civic improvement schemes. And finally it was going to be The Professor’s own laboratory where he could experiment with new ways of expressing and co-ordinating human thought of all ages” (1944, p. 168).
- ²⁶ Mairet complementou sobre a questão: “The Edinburgh summer meetings, largely informal in procedure though they were, and owing much to brilliant improvisation, were perhaps the finest educational initiative of their time. Writing of them in this vintage year, Professor Wenley of Michigan said that: ‘No matter what Professor Geddes’s services may have been in the early days of the Scottish Extension Movement, there can be little doubt that his greatest educational achievement – next to his University Hall triumph – is his inception and entirely without official assistance either from the University of Edinburgh or from any of the sister seats of learning’” (1957, p. 66).
- ²⁷ É muito impressionante notar a quantidade de participantes mulheres, algumas vezes superior à de homens, nos *Meetings* organizados pelo casal Geddes nos anos 1890 em Edimburgo, como podemos ver nas fotografias realizadas ao final desses encontros, sempre em algum espaço público da cidade antiga. O casal sempre posava ao centro de uma centena de estudantes, professores e demais convidados de cada edição. Philip Mairet, em seu livro *Pionner*

of Sociology. *The Life and Letters of Patrick Geddes* publicado em 1957, atribui essa defesa dos direitos das mulheres por Patrick Geddes à sua esposa, Anna Geddes (antes de casar, Morton), segundo ele: “Anna Morton was a highly educated young lady of great intelligence and personal charm (...) in London she was strongly influenced by the awakened social conscience which was the saving grace of that epoch of incontinent capitalist expansion; and contact with the work of Octavia Hill, Josephine Butler, and others, as well as with the incipient movement for the emancipation of women, first aroused her desire to render social service” (1957, p. 47). Ele também chega a atribuir a ela, sem tanta certeza, o próprio interesse pelos cortiços do centro antigo da cidade, onde o casal foi morar e iniciou todo o trabalho no centro: “It is even probable that Anna Morton was the inspiration that kindled his interest in the old town tenements to the point of practical action” (p. 46). Walter Stephen, organizador de um livro sobre o tema, *Learning from the Lasses. Women of the Patrick Geddes Circle* (2014), se coloca estas questões em sua introdução (mas sem respondê-las): “What proportion of the clientele of the Summer Meeting were women? Whatever Professor Geddes was offering must have appealed to women. To what extent was the curriculum slanted towards women? What alternatives are available to these women? (...) What was it about Patrick Geddes and his ideas that made women relate to him?” (p. 17).

- ²⁸ Havia entre o grupo de professores uma ideia, por vezes explorada, experimentada, de aprendizagem pela dramatização. Em

alguns encontros foram realizados *tableaux vivants* educativos. Geddes explorou essa ideia sobretudo na performance com centenas de pessoas, a “*Masque of Ancient and Modern Learning*” no 25º aniversário do *University Hall*, em 1912 (roteiro publicado depois como “*The Dramatisation of History*”), mas também dentro do processo educacional do *Survey* de Indore no festival e procissão de Diwali, em 1918, quando Geddes se tornou “*Maharaj for a day*”.

- ²⁹ Segundo Boardman, Geddes teria dito para um visitante do Monte Scopus, local escolhido para abrigar a universidade em Jerusalém: “The University is neither the court of knowledge alone nor yet the enemy of virtue. It is all the activities of men. It is the prophet as well as the priest. It is the worker with the hand as well as the worker with the brain. It is all the crafts, and it is the mastering of the soil. It is light and colour and music, beauty of form and beauty of love. It is the synthesis of all arts and all the sciences. It is the people, and this shall be the University of the chosen people” (Geddes apud Boardman, 1944, p. 361).